

**Construindo a Profissão de Jornalista:
Cásper Líbero e a Criação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil¹**
Profª. Dra. Gisely Valentim Vaz Coelho Hime (UniFIAMFAAM)²

Resumo

Este ensaio pretende averiguar os fundamentos da criação do primeiro curso de jornalismo do Brasil - a Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, fundada em 1943, em São Paulo – , considerando a afinidade com as demandas da categoria à época, a sintonia com os diversos modelos de prática de ensino de jornalismo na Europa e nos Estados Unidos, como também as necessidades imprimidas pela modernização do fazer jornalístico. Nessa perspectiva, consideramos o comprometimento de Cásper Líbero com as associações da classe jornalística, com a formação universitária e com o aperfeiçoamento do exercício da comunicação no País.

Palavras-chave

JORNALISMO – SÃO PAULO; HISTÓRIA; ENSINO DE JORNALISMO; CÁSPER LÍBERO

A criação da primeira faculdade de jornalismo do Brasil partiu do testamento de Cásper Líbero, pioneiro empresário-jornalista paulistano, que construiu, entre as décadas de 1920 e 1940, a empresa jornalística mais moderna da América Latina, em termos de administração, equipamentos gráficos e perfil editorial: *A Gazeta*. Enquanto homem de jornalismo, Cásper manteve-se ligado a todos os movimentos da classe, onde a discussão sobre a necessidade de se investir na formação profissional ocupa toda a década de 1930. De sua parte, se por um lado julgava fundamental para os futuros rumos da Nação investir na formação cultural do povo e das elites, por outro, não tinha dúvidas quanto à influência do jornalismo nesses rumos. Daí o apoio incondicional às teses que defendiam o aperfeiçoamento na formação do jornalista com o objetivo de aprimorar a qualidade do jornalismo praticado. Além disso, dá pistas de acreditar que, participando da formação daqueles que futuramente integrariam os quadros d'*A Gazeta*, a tarefa de administrá-la se tornaria muito mais fácil. Afirma: “quando a gente se vê, assim, num mesmo nível mental,

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 - Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestre e Doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, instituição onde também se bacharelou em Jornalismo. Membro do Conselho Científico do Núcleo Paulista da Rede Alfredo de Carvalho. Professora das disciplinas História do Jornalismo, Pensamento Jornalístico Brasileiro e Sistemas Internacionais de Comunicação. Coordenadora da Cátedra de Jornalismo e Coordenadora do Programa de Atividades Complementares do UniFIAMFAAM. e-mail: giselyhime@uol.com.br

pressupõe desde logo as mesmas conclusões sobre qualquer assunto em que as premissas são iguais³". Por isso, ao se envolver diretamente na formação dos futuros jornalistas, Cásper também tinha em vista a administração do seu próprio empreendimento. A prática do dia-a-dia foi fundamental para essas conclusões. Conforme apontam vários depoimentos de antigos funcionários, o jornalista tinha o costume de contratar jovens interessados em ingressar na profissão, dedicando-se, ele próprio à sua formação.

As viagens ao Exterior deram o empurrão que faltava. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, teve oportunidade de conferir de perto como se dava na prática o tão sonhado curso de jornalismo e as diversas formas de executá-lo. O diálogo entre os diferentes modelos reflete-se nas breves indicações deixadas em testamento, que apontam para um curso fundamentado nas Ciências Humanas, com aulas de "português, prosa, estilo, literatura, eloquência, história e filosofia⁴", mas com aulas práticas conduzidas nos jornais e rádio da Fundação recém-criada. Um aspecto inusitado foi desprezado quando da fundação da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero: não se trataria apenas de um curso em nível universitário, mas começaria no secundário, como um curso técnico, a ser complementado em estudos universitários. O empresário, contudo, não teve tempo de desenvolver e implementar o modelo do curso não sonhado, tendo falecido em acidente de avião em agosto de 1943.

A luta da categoria pela formação

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos florescem os estudos de Teoria da Comunicação, motivados pelo crescimento da propaganda política, a imprensa brasileira, durante a Era Vargas, toma consciência de sua força política e passa a questionar o valor de sua missão, como demonstra a proliferação de congressos e seminários, promovidos pelas inúmeras associações e entidades de classe, a maioria delas recém-criadas. O discurso de Raul Polillo, na abertura do Primeiro Congresso da Imprensa do Estado de São Paulo, em 1933, é exemplar da mentalidade do período:

³A *Gazeta*, 29 de maio de 1940.

⁴Parágrafo II do testamento. Para maiores informações ver anexos de Gisely Valentim Vaz Coelho Hime, *A Hora e a Vez do Progresso - Cásper Líbero e o Exercício do Jornalismo nas Páginas d'A Gazeta*. São Paulo, dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1997.

Somos o espírito que anima a matéria. Do valor prático e ideológico do nosso pensamento é que se deduz a altura do nível em que se acha a nossa civilização. Somos uma força; somos uma alavanca; somos um impulso para a frente; mas fomos, até hoje, uma força destituída de finalidade, como uma flecha sem alvo, uma alavanca sem fulcro, um beijo sem boca, um impulso sem sentido, um verbo sem articulação⁵.

A importância deste Congresso dá-se a perceber pela constituição da Associação Paulista de Imprensa (API), que aí ficou definitivamente estabelecida “para o patrocínio dos direitos da classe dos jornalistas e dos interesses de ordem geral, relacionados com a atividade da imprensa⁶”. Os debates também registram significativos avanços na discussão sobre a preparação cultural e profissional dos jornalistas, até então relegada a segundo plano. Fala-se, pela primeira vez, na organização de cursos e escolas jornalísticas, que deveriam ser apoiados e promovidos pela API, no intuito de capacitar o jornalista para o cumprimento de “sua missão de esclarecedor e orientador da opinião pública⁷”. Diante da função cultural da imprensa, que essa missão define, é indispensável ao jornalista ampliar o máximo possível seus conhecimentos.

Começa-se também a melhor definir as relações entre empregados e empregadores, pensando-se na proteção da classe. Fica estabelecido que a API pleitearia as seguintes medidas: preferência aos profissionais no preenchimento de cargos nas redações dos jornais, efetividade dos mesmos nos termos das leis em vigor ou de outras que fossem adotadas e que deveriam ser solicitadas, remuneração compensadora, regularidade nos pagamentos, regulamentação e obrigatoriedade do descanso semanal e de férias remuneradas, instituição da assistência em suas várias modalidades.

Os debates chegam ainda à sistematização de procedimentos técnicos, tais como a generalização do uso de uma medida padrão de colunas, em todos os jornais, abolindo o uso de mais de uma medida no mesmo jornal; a unificação do sistema de organização das tabelas de preços dos anúncios, adotando o critério de contagem por centímetro de coluna e abolindo o uso da contagem por linha, por centímetro quadrado ou por determinados tamanhos e frações; e o estabelecimento dos preços de uma página, meia página e um quarto de página para os grandes anúncios⁸.

⁵Edgard Leuenroth. *A Organização dos Jornalistas Brasileiros: 1908-1951*, São Paulo, COM-ARTE, 1987, p. 160.

⁶E. Leuenroth. *A Organização dos Jornalistas Brasileiros: 1908-1951*, op. cit., p. 161.

⁷*Id.*, *ibid.*, p. 162.

⁸*Id.*, *ibid.*, p. 163.

O vespertino paulistano *A Gazeta* dá ampla cobertura aos congressos e discussões, sendo que Cásper Líbero, seu diretor-proprietário, chega a organizar, em janeiro de 1940, o que chamou de Semana do Jornalista. Trata-se de uma série de conferências sobre o jornalismo, sua origem, finalidades, perspectivas para o futuro, entre outros aspectos da profissão. Infelizmente não ficaram registros desses debates. Dois anos depois, o vespertino apoiará a realização do Primeiro Congresso dos Jornalistas Profissionais, dando cobertura a todos os passos do evento: inscrições, envio de delegações para expor aos jornalistas do interior de São Paulo as finalidades do Congresso, e divulgação da programação.

As teses em debate trazem profundos avanços no processo de redefinição de contornos por que passa a profissão. São debatidos o salário profissional, o jornalista em face da legislação social, condições de trabalho, a escola de jornalismo, nível cultural da classe, atividade sindical, definição do jornalista e seleção profissional. Para efeito de sindicalização, chega-se a uma definição do que seria o jornalista profissional: “aquele que escreve para a imprensa diária e periódica, mediante salário, observados os prazos da legislação social. Assimilam-se ao jornalista profissional os diretores assalariados, redatores, repórteres e revisores das agências telegráficas e epistolares que trabalham para a imprensa, como também todos os revisores, repórteres fotográficos e locutores de rádio encarregados do serviço noticioso⁹”.

Aprofunda-se a questão da formação cultural. Para elevar o nível de capacitação profissional, o Sindicato fica encarregado de manter cursos de extensão cultural, criar bibliotecas adequadas nas redações e associações de classe, e instalar salas de leitura de jornais e revistas nesses locais. A questão da escola de jornalismo é retomada. Entre as propostas relatadas estão a de realizar provas eliminatórias de aptidão para ingresso no curso de jornalismo. Os cursos, aliás, deveriam ser dirigidos não apenas aos interessados em ingressar na profissão, mas aos que, já estando nela, precisassem se aperfeiçoar. O Congresso recomenda ao Sindicato nomear uma comissão de três jornalistas, um pedagogo e um técnico em ensino profissional, para a elaboração do programa da futura escola, bem como efetuar os estudos necessários para a criação e manutenção da escola¹⁰.

⁹*Id., ibid.*, p. 169.

¹⁰*Id., ibid.*, pp. 169 e 170.

O período registra ainda a realização de dois Congressos Panamericanos de Imprensa: o primeiro, em 1929, nos Estados Unidos, e o segundo, em 1943, em Cuba. Cásper Líbero participa do primeiro, realizado em Washington, onde foi apresentado um grande painel da imprensa brasileira, incluindo dos pequenos periódicos do sertão nordestino aos grandes diários das capitais¹¹. Sua participação no evento marca o início de reflexões aprofundadas sobre a função social do jornalismo, um dos pilares de sustentação do seu projeto jornalístico, que incluiu a fundação da Escola.

No final de 1942, antes de viajar para os Estados Unidos, ao ser homenageado por jornalistas paulistas com um almoço de despedida, Cásper destaca a importância do estreitamento de laços com seus pares para o desenvolvimento do seu projeto jornalístico. Destaca que, como “homem de jornal” que é, no convívio com a classe encontra estímulo para as lutas da existência. No dia-a-dia da profissão, compreendeu que nada poderia ser feito devendo exclusivamente a si próprio, mas à classe em conjunto. Nesse sentido, *A Gazeta* é produto de uma colméia¹². A circulação pelos diversos núcleos de produção cultural - a saber, grupos de políticos, intelectuais, jornalistas, esportistas e artistas, em âmbito nacional e internacional - se refletiria na compreensão da influência da imprensa na formação da opinião pública, como se depreende da leitura de diversos artigos e editoriais publicados n'*A Gazeta*, discursos de Cásper e até mesmo das instruções sobre a Escola de Jornalismo, deixadas em seu testamento.

A função educadora da imprensa

O mesmo discurso destaca a a função construtora dos jornais na formação intelectual, moral e política dos seus leitores. Esta discussão não é novidade nas páginas d'*A Gazeta*. Em maio de 1930, a jornalista Sylvia Serafim coloca o tema em debate no artigo intitulado “Jornalistas e Jornalismo”. Segundo ela, idealmente o jornalista é o homem que se faz a voz dos sofrimentos e aspirações de seus semelhantes. É o educador que se põe ao alcance de todos. É o paladino que combate pelo direito dos oprimidos e dos humildes. Deve instruir, agradando; guiar, informando; proteger, reclamando. Deve ter espírito de justiça, prudência nos conceitos, desassombro corajoso. É o homem que ganha o pão, informando o outro da

¹¹*Id., ibid.*, p. 177.

¹²*A Gazeta*, 25 de novembro de 1942.

vida que o cerca. O jornalista só não consegue ser tudo isso, porque a vida nas redações de jornais o despersonaliza, tornando-o “a encarnação ambulante da difamação¹³”. Idealmente, pois, as funções do jornalismo seriam: informar, educar e defender a sociedade. Então, perguntamos: informar o quê, educar para quê e defender do quê?

Insinuam-se aqui duas questões: a da reflexão sobre o papel do jornalista e as conseqüências de suas ações; e a da alienação ou da redução das possibilidades de escolha entre os papéis propostos pela sociedade e as necessidades de realização plena do ser humano. Sylvia Serafim retoma o conceito ideal de jornalismo, levantando uma ponta do véu que encobre a discussão sobre as conseqüências dessa atividade profissional. Entretanto, não se aprofunda no tema, que serve apenas de trampolim para uma dissimulada crítica aos veículos concorrentes. Segundo ela, o jornalista não teria opções em relação ao exercício da profissão: deve adotar compulsoriamente o papel que lhe é imposto pelas empresas jornalísticas, corrompendo a natureza das informações.

As perguntas o quê, para quê e de quê, na verdade, vão sendo aos poucos respondidas pela própria prática do vespertino. Reunimos as pistas em dois grupos. No primeiro deles concentra-se o conteúdo do veículo. Em linhas gerais, temos um jornal que:

1. abraça bandeiras políticas, como na Revolução de 1932, em que se mostrou fundamental na mobilização da sociedade;
2. reserva grande espaço para as notícias do Estado e da cidade;
3. desenvolve pioneiramente um suplemento de esportes, promovendo e apoiando eventos esportivos, nas mais diversas modalidades;
4. também pioneiramente desenvolve um suplemento infantil, de caráter educativo e recreativo;
5. cria uma página feminina, voltada não só para moda e culinária, mas com matérias de comportamento, que refletem os novos interesses da mulher;
6. promove conferências, debates e filmes sobre temas em discussão na sociedade;
7. apoia eventos culturais e educativos, sejam palestras, cursos, concursos e até mesmo viagens de estudo.

Para analisarmos estas pistas, devemos passar ao segundo grupo, que reúne as inúmeras tentativas empreendidas pelo próprio jornal na definição de sua linha editorial.

¹³A *Gazeta*, 16 de maio de 1930.

Começamos por um editorial de janeiro de 1929, em que o próprio título já é revelador: “Se o leitor nos estima, nós fazemos por contentá-lo¹⁴”. Uma das principais preocupações d'*A Gazeta* é conquistar cada vez mais leitores - uma preocupação, diga-se de passagem, perfeitamente de acordo com a orientação capitalista adotada pelas empresas jornalísticas brasileiras a partir da década de 1930. Para conquistar o leitor, o jornal afirma ser fundamental apresentar uma fisionomia gráfica nítida e agradável, e uma linguagem sintonizada com a cultura local, pois “cada estado ou região tem o seu modo particular de fixar os acontecimentos da vida pública”. Em São Paulo, por exemplo, o que se exige é “a serenidade da análise, a grave ponderação dos articulados, a isenção de ânimo consentânea com uma população solidamente disciplinada pelo trabalho intensivo, alheia aos ruídos demagógicos e compelida a uma permanente atitude reflexiva”.

Meses depois, a propósito do processo de modernização, *A Gazeta* reafirma a intenção de sintonizar o chamado “espírito paulistano”. Ressalta que “não quer ser outra coisa senão um reflexo do ambiente em que se formou e em que se desenvolve continuamente¹⁵”. Impôs-se a missão “de espelhar a agitação da metrópole paulistana, os surtos vigorosos do seu progresso, as transformações contínuas por que passa (...)”.

Na benção solene da pedra fundamental do novo edifício d'*A Gazeta*, em dezembro de 1937, Cásper descreve o jornal como “o templo onde o povo paulista pode adorar a sua terra e o Brasil¹⁶”, pois sempre o dirigiu em função dos interesses brasileiros e paulistas. Por sua vez, o jornalista Maciel Filho, diretor d'*O Imparcial* (Rio de Janeiro), afirma que *A Gazeta* é o marco de uma nova mentalidade: a construção de uma Pátria maior e melhor.

No projeto de lançamento da Rádio Gazeta, porém, é onde encontramos a melhor síntese da proposta editorial de Cásper Líbero:

- objetivo: ser instrumento difusor de cultura;
- lema: informar e educar;
- palavra de ordem: inovação;
- público: todas as classes;
- conteúdo: haverá de tudo, principalmente grandes manifestações de arte¹⁷.

¹⁴*A Gazeta*, 15 de janeiro de 1929.

¹⁵*A Gazeta*, 3 de abril de 1929.

¹⁶*A Gazeta*, 16 de dezembro de 1937.

¹⁷*A Gazeta*, 25 de janeiro de 1943.

Dele podemos partir para determinar, em linhas gerais, as pistas do segundo grupo. Temos um jornal que:

1. se propõe a informar e formar;
2. partindo de tudo o que possa interessar ao público paulista;
3. analisando criticamente os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais;
4. defendendo os interesses da coletividade;
5. na certeza de estar contribuindo para a construção de um Brasil maior e melhor.

Reunindo os dois grupos de pistas, partimos para as perguntas informar o quê, educar para quê e defender do quê. Informar tudo o que possa interessar ao público paulista: política - muita política -, economia, esportes, cultura, lazer, transporte e tudo o mais que diz respeito à cidade. Educar para levar adiante o progresso paulista, para construir um Brasil maior e melhor. Defender da vulgaridade, da mediocridade e do atraso que impedem o progresso da Nação brasileira.

Os comentários d'A *Gazeta* em relação ao discurso do chefe da seção de rádio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Júlio Barata, discurso sobre a radiodifusão no Brasil, reiteram, de certa forma, nossa análise. Afirma Barata:

não cuidou ainda o rádio brasileiro de consolidar, por si mesmo, numa organização que fosse a expressão viva de seu valor, o seu inegável prestígio perante os ouvintes e sua capacidade de ser, num país como o nosso, o elo permanente de união nacional, a serviço da educação e cultura¹⁸.

Ao que A *Gazeta* retruca que o rádio é o aparelho divulgador das conquistas diárias da inteligência, imaginação e vontade do homem brasileiro. É o estímulo da unidade do povo. Barata também critica o nível artístico e intelectual das programações, longe de corresponder às necessidades e exigências da cultura no Brasil. Ao que o vespertino contrapõe o atraso das massas e a preferência por vulgaridade.

A aproximação com o meio universitário

Transformar seus veículos em instrumentos difusores de cultura é a marca do exercício jornalístico de Cásper Líbero. Para ele, os veículos de comunicação exercem um

¹⁸A *Gazeta*, 27 de setembro de 1941.

papel fundamental na formação intelectual, moral e política da sociedade¹⁹. Partindo desse princípio, Cásper busca estreitar os laços com os universitários, pois representam a futura intelectualidade brasileira. Acredita fundamental o investimento na formação da elite do País. Como destacam Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, “é através da educação que as ‘elites’ se formam para desempenhar, não apenas o papel de dirigentes na política como também o de modeladores das consciências. Nesse sentido, a educação adquire um significado bem mais amplo - o de conhecimento, o de saber²⁰”.

Principalmente no início dos anos 1940, com o fortalecimento empresarial d'A *Gazeta*, Cásper investe neste relacionamento, como demonstram as visitas dos universitários ao jornal e a realização, cada vez maior, de eventos. Promove concursos, apoia olimpíadas, oferece bolsas de estudos. Em 1942, chega a fundar uma escola para formação de pilotos, mecânicos e observadores, numa ação conjunta com a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - a Faculdade do Largo São Francisco. Talvez por ter se formado lá, é a faculdade do coração de Cásper. É sabido que muitos estudantes da São Francisco terminaram seus estudos graças a ele. Sempre que pode, apoia as atividades promovidas nas Arcadas.

Com suas iniciativas, Cásper conquista os universitários paulistas que, para demonstrar seu carinho e admiração, em maio de 1940, ofertam a ele uma placa, logo instalada no Edifício d'A *Gazeta*. A cerimônia de entrega reúne personalidades de destaque no governo e no meio universitário²¹. Na ocasião, o acadêmico Luiz Swartzman, em seu discurso, destaca, por um lado, a importância da juventude para o crescimento do País e, de outro, a importância desse País oferecer à juventude grandes homens, modelos em quem possa se inspirar. Pois, segundo ele, a juventude fundamenta seus ideais na história e nos homens de seu país. Cásper Líbero seria um desses modelos brasileiros: exemplo para a juventude brasileira, centro irradiador de notícias, forja do pensamento cívico, laboratório de idéias, dínamo da intelectualidade brasileira, apoio do meio universitário.

Em sua resposta, Cásper revela um dos principais elementos que o levam a investir nos estudantes. Destaca que a mocidade acadêmica sempre acompanhou de perto, senão

¹⁹A *Gazeta*, 25 de novembro de 1942.

²⁰Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, *História da Folha de S.Paulo: 1921-1981*, São Paulo, Impres, 1981, p. 85.

²¹A *Gazeta*, 27 de maio de 1940.

participou, de todos os movimentos políticos e sociais brasileiros. Observamos aqui o interesse pela formação das elites, daqueles que levarão adiante os destinos da Nação, liderando, apoiando ou rechaçando os movimentos políticos e sociais.

Um prédio moderno para um jornal moderno

Uma das teses discutidas durante o Primeiro Congresso de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, realizado de 13 a 16 de agosto de 1942, pedia por “higiene e conforto nas redações e oficinas de jornais, que deverão apresentar ambiente adequado às exigências do trabalho intelectual e os elementos técnicos e informativos de que carecem os profissionais da imprensa para o bom desempenho de suas tarefas²²”. Outra afirmava que “as empresas devem proporcionar aos jornalistas lugar de trabalho onde encontrem tudo o que é necessário para produzir bem; espaço, luz e ar; utensílios e móveis de escritório; serviços de comunicações internas e externas; ordem e limpeza; jornais, fichários e livros (...)”²³. Cerca de quinze anos antes, Cásper Líbero já estava atento a essa questão.

Em meados da década de 1920, ele inaugura a primeira etapa do processo de modernização d'A *Gazeta*, sob a sua administração. Tal processo inclui da aquisição de maquinário capaz de acelerar e aprimorar a produção do jornal à reforma das instalações para torná-las mais adequadas à acomodação desse maquinário e principalmente da redação. Contornada a crise em que encontrara o vespertino por ocasião da compra, mas ainda sem folga de capital para administrá-lo, Cásper percebe a necessidade de investir no aprimoramento do seu trabalho para acompanhar a evolução do mercado jornalístico.

Começa a germinar a semente de modernização da empresa jornalística A *Gazeta*. Apesar das dificuldades financeiras, Cásper lança-se à empreitada. O edifício em que funciona o jornal é aumentado de dois para três andares. Compra o último tipo de rotativa disponível no mercado - Man - e faz a primeira edição impressa em rotogravura no País.

Os resultados positivos estimulam-no a tocar o projeto adiante. Em março de 1928, A *Gazeta* anuncia a mudança de instalações, marcando a segunda fase do seu processo de modernização. A mudança de espaço físico é condição fundamental para acomodar o novo

²²E. Leuenroth, *A Organização dos Jornalistas Brasileiros: 1908-1951, op. cit.*, p. 171.

²³Idem.

maquinário que vem se juntar ao adquirido em 1925, garantindo ao processo de confecção do jornal mais rapidez, melhor qualidade e maior capacidade de produção.

Uma vez resolvido o arrendamento do edifício, o escritório técnico Ramos de Azevedo, um dos mais conceituados na época, é encarregado de projetar as obras de adaptação. Além da segurança, numa atitude pioneira entre as empresas jornalísticas, o projeto também prioriza as prescrições higiênicas, tais como a construção de uma casa especial para a máquina de impressão; o planejamento de uma área interna, ligando as dependências do 1º andar; a abertura de janelas nos andares térreos; e a retirada de paredes internas para tornar as salas mais amplas e confortáveis.

A nova rotativa adquirida atinge o dobro da velocidade da anterior,

que era, aliás, uma das mais rápidas do Brasil. Tem duas saídas, funcionando em seções independentes. Pode imprimir 60.000 exemplares por hora. Seus dispositivos para a gravura em cores permitem editar um jornal com várias páginas a tricomia, com a mesma rapidez com que se imprime a folha comum diária. Iguais a essa máquina só há, por hora, duas no mundo, uma em Varsóvia e outra em Riga²⁴.

Também são adquiridos uma nova bobinadeira e um novo forno de estereotipia, inédito na América do Sul. Elétrico, produz quatro clichês em apenas dois minutos. Todo o maquinário de impressão e estereotipia foi trazido diretamente da Alemanha por Cásper Líbero, da fábrica M.A.N. de Nuremberg.

Ocupando o 2º andar, a oficina de composição ganha mesas de paginação, em aço, importadas dos Estados Unidos, com as respectivas estantes. O material tipográfico é aprimorado com a aquisição de numerosas fontes de tipos vistosos, que servem especialmente para títulos e anúncios. Anexa à oficina, é instalada uma prensa para a gravação de matrizes, cuja pressão chega a 40 toneladas. O benefício disso é que a matriz sai da prensa completamente seca, não sofrendo assim alteração quando entra no forno.

Com a reforma, optou-se também por instalar no prédio uma oficina de clichês do próprio jornal, encomendando todo o necessário à casa Graphika, de Berlim (Alemanha), estabelecimento de reputação mundial e cujo maquinário é também inédito na América do Sul. Até então, *A Gazeta* servia-se de oficinas particulares que nem sempre estavam disponíveis e ofereciam a perfeição exigível, muitas vezes, privando de ilustração algumas

²⁴Idem.

reportagens - especialmente as de última hora - ou atrasando a saída do jornal. Ocupam ainda o 3º andar os ateliers de desenho e fotografia, com artistas exclusivos da empresa.

Quanto à redação, situa-se na sobreloja do prédio, dispondo de vários e amplos salões, além de uma sala de refeições e pequena copa-cozinha. Também anexo, está um espaçoso salão nobre, destinado a eventos como conferências, sessões cívicas, concertos etc. Por sua vez, a seção de esporte ocupa três salas da loja, com entrada independente, junto ao balcão. Essa localização foi planejada por ser mais apropriada ao contato com os esportistas. Nesta época, *A Gazeta* já contava com o primeiro suplemento esportivo do País, *A Gazeta Esportiva*. Para facilitar as comunicações internas, ampliou-se o número de ramais e instalou-se um segundo elevador Atlas, de capacidade pouco menor que o da entrada principal do prédio. A rede telefônica também ganhou três linhas para fora.

Os principais signos da modernização do jornal, porém, são a sereia e o relógio novos, adquiridos em Paris. Com oito trompas de três metros de comprimento e, portanto, bem mais potente que a anterior, a sereia atual é idêntica as usadas naquela cidade, durante a Primeira Guerra, a fim de chamar a atenção para a aproximação das aeronaves inimigas. Sua função é marcar o meio-dia e anunciar os acontecimentos que mais diretamente interessam ao público. Quanto ao relógio que decora a fachada do prédio, elétrico, é de precisão, com ponteiros para marcar as horas, minutos, segundos e quintos de segundos.

Esta nova fase d'*A Gazeta*, inaugurada em julho de 1928, faz de São Paulo a primeira capital na América do Sul, depois de Buenos Aires, a utilizar a rotogravura colorida. Mas o processo de modernização d'*A Gazeta* não pára. Em dezembro de 1937, é assentada a primeira pedra do edifício do vespertino, na rua da Conceição, centro da cidade. A inauguração acontece dois anos depois.

Novamente um projeto do escritório técnico Ramos de Azevedo, o edifício tem, além dos espaços usuais das instalações de um jornal, como oficinas de impressão, por exemplo, um luxuoso auditório para concertos e conferências, com capacidade para 300 pessoas e equipado com microfones, projetores e aparelhos cinematográficos; apartamentos para hóspedes de honra; no último andar, o restaurante Roof, uma das primeiras e mais requintadas boates da cidade; gabinetes individuais para os redatores, com telefone, máquina de escrever e comunicação direta com qualquer seção do jornal; arquivo e biblioteca, que ocupam totalmente o 4º andar do prédio. O arquivo é considerado o melhor

das redações da América Latina. A biblioteca totaliza mais de 6 mil volumes. Barbosa Lima Sobrinho comenta: “o desejo de informação segura e de comentário preciso levou Cásper Líbero à criação de uma biblioteca e de um arquivo de grandes proporções²⁵. Os elogios são unânimes: estamos diante do primeiro edifício planejado, no Brasil, especificamente para abrigar o jornal que abriga os mais modernos equipamentos do País.

Modernidade também na administração

O processo de modernização d'A *Gazeta*, porém, não se limitou às instalações e equipamentos. Numa época em que o Sindicato dos Jornalistas lutava por melhores salários e condições de trabalho, Cásper Líbero investe nos recursos humanos de sua empresa.

A redação d'A *Gazeta* não era muito grande, cerca de vinte a vinte e cinco jornalistas, sem contar os funcionários das sucursais - no Rio de Janeiro, em Santos e em Campinas - e os correspondentes no Exterior. Conta Silveira Peixoto que, naquele tempo, ser redator d'A *Gazeta* era praticamente ser um príncipe do jornalismo de São Paulo. Além de pagar bem, o jornal tratava bem os seus funcionários: “O Cásper era um grão-mestre em matéria de administrar um jornal. Mas ele era muito mais um amigo do que um chefe²⁶”. E amizade, ou melhor, compreensão e cooperação era o que recomendava o Sindicato, na sexta tese discutida durante o Primeiro Congresso dos Jornalistas.

Deve-se propugnar para que seja pago ao jornalista um salário que lhe permita viver com decência, alimentando-se, vestindo-se, estudando, trabalhando, sem receio do dia de amanhã e sem a necessidade de apelar para recursos estranhos à profissão, a fim de melhorar ou ao menos manter o seu baixo padrão de vida. Pagamento decente quanto ao vulto e, também, quanto à regularidade quanto é feito, devendo comportar aumentos periódicos progressivos e incluir gratificações anuais. É necessário também conseguir que cada jornal considere que, na sua organização, a redação é o elemento motor. Deve tratar esse motor com atenção, cuidado e respeito. Não abandoná-lo e também não violentá-lo, pois constitui, de fato, o melhor patrimônio de uma empresa jornalística. As empresas devem proporcionar aos jornalistas lugar de trabalho onde encontrem tudo o que é necessário para produzir bem; espaço, luz e ar; utensílios e móveis de escritório; serviços de comunicações internas e externas; ordem e limpeza; jornais, fichários e livros. E, acima de tudo, bom tratamento. Compreensão e cooperação²⁷. (...)

²⁵ Reprodução n'A *Gazeta*, edição de 24 de janeiro de 1940, de uma nota publicada no *Jornal do Brasil*, no dia 21.

²⁶ Entrevista concedida pelo jornalista Silveira Peixoto ao Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, para a Série Memória da Imprensa, em 3 de agosto de 1983. O projeto foi coordenado por Ernani Silva Bruno e foram entrevistadores Pedro Ferraz do Amaral, Mário Alves de Carvalho e Olympio Sá e Silva.

²⁷ E. Leuenroth, *A Organização dos Jornalistas Brasileiros: 1908-1951*, op. cit., p. 172.

Cásper parece ter seguido a receita à risca. Seus funcionários tinham gabinetes espaçosos e arejados, móveis elegantes, telefone, arquivo e biblioteca à disposição, e um bom salário. Ou quase. Apesar de trabalharem em um dos jornais que pagava melhor, para se manter muitos funcionários d'A *Gazeta* tinham dois empregos e era muito comum que o segundo fosse um cargo público. Mas, se muitas vezes não era suficiente, o salário n'A *Gazeta* era garantido. Não atrasava. Pelo contrário, regra geral, na sexta-feira, um *boy* percorria a redação perguntando se alguém queria vale.

Fazer d'A *Gazeta* um lar, um lugar onde todos se sintam bem, à vontade, era a filosofia que sustentava essa pioneira política de administração dos recursos humanos, filosofia marcante no documentário *Um Vespertino Moderno*, produzido, em 1939, pela Rossi Rex Filme, com a cooperação d'A *Gazeta*. O filme oferece uma visão didática do processo de produção do jornal, tendo por referência a rotina de Cásper no vespertino.

Em junho de 1941, chega ao Museu de Arte Moderna, em Nova York, na bagagem de seu diretor-proprietário. Estão presentes os principais proprietários e diretores de empresas de publicidade, jornais e cinema, além das emissoras de rádio da América do Norte. Cásper mostra a todos como *A Gazeta* é capaz de produzir uma edição de última hora, completa, dentro de 12 minutos, a contar da chegada da última notícia telegrafada de Washington ou Berlim. Prova assim aos norte-americanos que “não precisam mais ficar com receio a respeito da habilidade mecânica e da eficiência dos brasileiros²⁸”. Os americanos, que “têm mostrado ceticismo sobre se seria garantido emprestar-se ao Brasil 60 milhões de dólares para que fosse iniciada a indústria siderúrgica. Os engenhosos americanos gostam de saber, de antemão, como e com que segurança aplicam seu dinheiro²⁹”.

Referências bibliográficas

ARCO E FLEXA, Miguel de. *48 anos de Gazeta*. São Paulo, Fundação Cásper Líbero, 1954.

CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo - Imprensa Paulista 1920-1945*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia no Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1970.

²⁸ *A Gazeta*, edição de 30 de junho de 1941.

²⁹ Idem.

DUARTE, Paulo. *História da Imprensa em São Paulo*, São Paulo, ECA/USP, 1972.

GEBARA, Ademir. *A Gazeta e o Estadão*.

GOLDENSTEIN, Gisela Tachner. *Do Jornalismo Político à Indústria Cultural*, São Paulo, Summus Editorial, 1987.

GUIMARÃES, João Nery. *História da Imprensa de São Paulo*, s.l.p., s.c.p., s.d.p.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. *A Hora e a Vez do Progresso - Cásper Líbero e o Exercício do Jornalismo nas Páginas d'A Gazeta*. São Paulo, dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1997.

_____. *Página Feminina: o Ponto de Encontro da Mulher Moderna – Estudo analítico da pauta feminina do vespertino paulistano A Gazeta (1929-1943)*, São Paulo, tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 2002.

LEUENROTH, Edgard. *A Organização dos Jornalistas Brasileiros: 1908-1951*, São Paulo, COM-ARTE, 1987.

LÍBERO, Nelson. *Flashes - evocações*, São Paulo, Teixeira, 1970.

LOPES, Dirceu Fernandes et al. *A Evolução do Jornalismo em São Paulo*, São Paulo, ECA/USP e Edicon, 1996.

MOTA, Carlos Guilherme & CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S.Paulo (1921-1981)*, São Paulo, Impres, 1980.

NOBRE, Freitas. *História da Imprensa em São Paulo*, São Paulo, 1950.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, 3ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1983.

WAINBERG, Jacques Alkalai. *Império de Palavras: Estudo Comparado dos Diários e Emissoras Associadas, de Assis Chateaubriand, e Hearst Corporation, de William Randolph Hearst*, São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1996.

Periódicos

A Gazeta - leitura das publicações diárias, no período de janeiro de 1928 a dezembro de 1943.

O Estado de S.Paulo - 1930, 1932, 1937, agosto de 1943.

Correio Paulistano - 1930, 1932, 1937, agosto de 1943.

A Folha da Manhã - 1930, 1932, 1937, agosto de 1943.

Jornal do Brasil - 1930, 1932, 1937, agosto de 1943.

Correio da Manhã - 1930, 1932, 1937, agosto de 1943.